MCLUHAN E O USO DOS MULTIMEIOS NA ESCOLA[1]

Airton Lorenzoni Almeida[2], *Claudio Boeira Garcia*[3]

INTRODUÇÃO: O texto acolhe considerações de Marshall McLuhan, entre outros autores, para abordar o tema dos efeitos e das possibilidades que a exposição aos *mass media* e às novas tecnologias de informação e comunicação desencadeia na formação das crianças e dos jovens. Tendo-se em conta que a aldeia global possui entre suas características principais o atravessamento universal pelos efeitos e as possibilidades da comunicação-informação, importa pensar e reconhecer o lugar que os multimeios ocupam na constituição do mundo e de suas instituições, entre elas a escola. MATERIAL E MÉTODOS: O presente estudo se constitui em uma revisão bibliográfica dos principais escritos de McLuhan, de textos dos seus comentadores mais representativos, bem como de alguns teóricos que procuram desvelar questões pertinentes à educação, à escola e ao uso dos multimeios. Enfatiza que as idéias de McLuhan tornam-se mais pertinentes e renovadoras na contemporaneidade do que nas décadas de 1960 a 1980 quando foram expostas ao debate. As supervias de informação formando teias de fluxos e os desafios eletrônicos advindos das novas tecnologias postos ao nosso alcance, ao que tudo indica, fazem eco à metáfora da aldeia global concebida pelo autor. Ao experimentar diálogos e interpretações entre McLuhan com outros teóricos realizo um exame sobre a instituição escolar frente aos desafios que lhe são impostos pelos avanços tecnológicos dos multimeios e, também, pelas mudanças político-sociais-culturais que estas tecnologias provocam na sociabilidade humana, as quais atravessam os muros da escola da mesma maneira e com a mesma velocidade como atravessam os demais espaços onde atuamos e que igualmente se constituem pedagógicos. CONCLUSÕES: As leituras apontam que os educadores, na sociedade do espetáculo, da instantaneidade do tudo-agora, devem entender que os espaços de educação também são espaços de comunicação, nos quais agem, interagem e reagem sujeitos em diferentes relações sociais, interpessoais, grupais e institucionais. Necessitam reconhecer que estes espaços são construídos e reconstruídos por indivíduos que sabem algo sobre algo, ou seja, que têm uma bagagem de saberes distintos para permutar. O texto aponta para o fato, para a questão e para o reconhecimento que, no século XXI, a escola já não pode manter a matriz de mera retransmissão de conhecimento. Ou seja, a instituição escolar em suas concepções e práticas pedagógicas precisa estar aberta e atenta para mediar, de maneira consistente, esses saberes, esses mundos pessoais de imaginários multifacetados, de forma a dar um suporte, naquele espaço que lhe cabe, aos aspectos e elementos novos e antigos da sociabilidade humana. Urge, em sua atividade e responsabilidade social aparar arestas provocadas pela incompreensão de supostas contradições entre a cultura real e àquela imaginada como real, o que provoca desentendimentos a respeito da relevância dos multimeios nas práticas escolares. Desentendimentos às vezes procedentes, mas não raro, originados em preconceitos e discursos rasos e maniqueístas para os quais a mídia se tornou um câncer social. Nesse sentido há que se pensar naqueles aspectos da sociabilidade atual em que os multimeios se oferecem como possibilidades efetivas de alargar os espaços de educação; em que, para o bem ou para o mal,

---

[1] O texto apresenta resultados parciais da pesquisa *Da Escola Claustro à Escola Planeta: McLuhan e a Educomunicação na Aldeia Global*, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Mestrado, da UNIJUI. *almeida.airton@gmail.com*

[2] Mestrando em Educação nas Ciências e integrante do Projeto de Pesquisa *Educação e Política* alocado no Programa de Pós - Graduação em Educação nas Ciências, Mestrado, da UNIJUI.

[3] Professor Orientador.

também socializam a cultura antes restrita a castas privilegiadas econômica e culturalmente. McLuhan já pensava na ótica de que o educador que pretenda ser eficaz naquilo que constitui a educação tem de ser capaz de repensar não só o seu fazer pedagógico, mas, acima de tudo, entender que a cultura não é algo fixo, estático ou morto, mas sim que construído cotidianamente de forma socializada. Como bem lembra McLuhan (1998), "esperar que uma criança crescida na era elétrica responda às formas de educação antiga, é o mesmo que esperar que uma águia nade". Por outro lado, o estudo procura clarificar que saber, formação e sociabilidade não são produtos descartáveis e, portanto, não devem estar subordinados, escravizados, à rápida evolução tecnológica, na medida em que essa velocidade acaba por tornar obsoleto o conhecimento direcionado apenas aos aspectos técnico-operativos, ou seja, aquele do tipo para o qual, a novidade do "hoje", amanhã será velha. Ao contrário, saber, formação e sociabilidade, por estarem fixados na ordem do político, têm que ser tratados como tal. Esta pesquisa explicita ainda que, na nova cartografia que repaginou a sociedade, já não é mais possível ignorar os meios, as tecnologias e as mudanças que elas implicam em qualquer esfera, inclusive, e em especial, na da instituição escolar. Assim, numa época em que é comum existirem discursos que ignoram, exacerbam ou detratam o lugar da mídia e de suas tecnologias é importante que todo educador reflita sobre sua atuação e aposte na utilização dos meios e de seus conteúdos, de tal forma que eles sejam postos a serviço da formação de indivíduos originais, críticos, solidários, cooperativos e respeitosos para com as diferenças individuais e culturais.